

Pergunta ao Jornalista que Lê

Flora Ribeiro

“Privatizaram sua vida, seu trabalho, sua hora de amar e seu direito de pensar. É da empresa privada o seu passo em frente, seu pão e seu salário. E agora não contente querem privatizar o conhecimento, a sabedoria, o pensamento, que só à humanidade pertencem”

Bertolt Brecht

Não há como negar que o jornalismo vive hoje um grande conflito. A tensão nasce justamente da dificuldade de se fazer jornalismo. Ora, ainda aprende-se nas escolas superiores de comunicação que o jornalismo tem uma função social de contribuição para a construção de saberes e formação de opinião. A pergunta é: tem conseguido fazer isso? Vamos ainda além desse questionamento: o jornalista também é um agente de transformação social, capaz de formar e deformar, educar e deseducar, contribuir para o progresso ou afirmar o retrocesso, pois lida com a informação e com a “verdade”. Quer queira ou não, a influência do jornalismo na vivência social é tamanha que, sem qualquer intenção de uma análise meramente funcionalista, não dá mais para adiar a discussão sobre o que o jornalismo pretende ser hoje. É a hora de retomar essa discussão nas universidades, redações e no meio social.

Observa-se claramente que os telejornais, os jornais impressos e o radiojornalismo optaram pelo texto meramente descritivo, sem qualquer contribuição intelectual ou análise crítica dos fatos. Isso é uma resposta ao que o mercado quer, e não ao que a formação jornalística exige. A ocupação do Parque Oeste Industrial em Goiânia, a suposta viagem a turismo por uma comitiva de vereadores de Aparecida de Goiânia com verba pública, as chacinas na Baixada Fluminense cujos acusados são policiais militares, a marcha dos sem-terra para Brasília e tantos outros temas ganham coberturas jornalísticas superficiais; narrativas. Esses são alguns dos assuntos do dia-a-dia do jornalismo que dizem muito mais do que o fato revela, do que os olhos alcançam. A cortina que encobre as temáticas sociais, como moradia, reforma agrária, violência, improbidade administrativa e a crise da instituição policial no Brasil, entre outras, precisa ser desvendada e compreendida no seu processo.

A discussão sobre a necessidade de um texto mais crítico no jornalismo nos remonta a outro grande problema na formação do jornalista: a deficiente bagagem cultural. Como questionar se não tem-se conhecimento da história e da historicidade, do desenvolvimento, da construção e das possíveis variáveis do assunto tratado, e de que maneira o fato se localiza nesse contexto. Como questionar se falta a essência do questionamento: o conhecimento? É inadmissível, por exemplo, a ignorância sobre o movimento que faz o conhecimento ao longo da história a partir da ruptura com a tradição aristotélica, quando [René] Descartes (1596-1650) aponta a razão não mais como dádiva divina, mas como algo determinado pelo homem. Isso mudou toda a história. Parece bobagem para quem não conhece pelo menos um pouco das principais

teorias dos grandes pensadores e suas contribuições para a humanidade. São aprendizados que até hoje explicam as regras sociais atuais e nos permitem apreender um pouco mais da realidade que está posta nesta dita sociedade moderna. E nos permite saber que nada é por acaso nessa construção historicista. Existem prioris a serem compreendidos.

Assim, o jornalismo possibilitaria, por exemplo, a sociedade entender por que o presidente Fernando Henrique Cardoso citou [Max] Weber (1864-1920) ao tomar posse na presidência da República. O que estaria por trás disto? Muito mais do que diz sua vã filosofia. Naquele momento, com o que disse, FHC previu o que cumpriu: a realização de uma política totalmente neoliberal e, ainda, tentou refugar qualquer possibilidade de ser questionado de seus atos quando chamado em algum momento a atenção para sua formação de sociólogo. Ele se desobrigou de pensar como intelectual para pensar como político. Pena que na entrevista coletiva de sua posse nenhum jornalista foi capaz de perceber a verdade vedada que estava sendo dita naquele momento.

Então, romper com a superficialidade da notícia não é tarefa para quem quer somente, mas para quem se prepara para isso. É preciso cobrar do jornalista uma leitura teórico-crítica da realidade e, conseqüentemente capacidade para explorar esse conhecimento nos seus textos, contribuindo para uma real transformação social. Se entendemos o jornalismo como instrumento de questionamento da realidade que está posta hoje, então é hora de acabar com a repetição. É um exercício difícil, mas possível.

Compreendemos que o jornalismo meramente descritivo posiciona-se como mecanismo de validação de um sistema que já está pronto. Assim, vemos nas faculdades a prática se sobrepor à teoria, porque ao mercado quer um recém-formado pronto para a técnica ou melhor alienado e adaptado. Vemos as escolas responder ao imediatismo do mercado, numa “violência” à construção intelectual do jornalista. Aí, alguém diz: mas o que queremos é emprego. Ora, cabe então perguntar se o que se quer é ser operário do sistema ou construtor de uma possível nova realidade. É para conformar com o “jornalismo multifacetário”, sem função ou papel definido, à mercê do interesse mercadológico da notícia ou fazer jornalismo? Não se trata de ignorar a prática, mas buscar a prática correta, sem os vícios do mercado, e aliá-la a uma teoria filosófica, sociológica, antropológica etc., também voltada para a comunicação. Isso não é idealismo.

Assim não fica difícil entender por que a Justiça de São Paulo determinou o fim da exigência do diploma para o exercício da profissão do jornalismo. Se não é mais uma função de construção de saberes, então qualquer pessoa que escreve pode mesmo ser jornalista. Antes de brigar contra essa decisão judicial, é preciso remontar o jornalismo que está sendo feito hoje. Não se propõe aqui um jornalismo revolucionário, até porque a revolução, não será feita por jornalistas ou só por jornalistas. Isso sim é idealismo. Mas também não dá para ter o jornalismo na soma da contra-revolução.

Flora Ribeiro

Formada em Jornalismo/UFG; Profa. da
Facomb/UFG - Universidade Federal de Goiás
Especialista em Assessoria de Comunicação e
Mestranda em Educação